

SOCIEDADE

Um país de futuros obesos

Em 2044, cerca de 130 milhões de brasileiros estarão acima ou bem além do peso, alerta pesquisa da Fiocruz

» PEDRO JOSÉ*

Se os adultos brasileiros mantiverem os hábitos alimentares atuais, em 2044 cerca de 130 milhões de pessoas estarão vivendo com sobrepeso ou obesidade. O alerta é de uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), apresentada no Congresso Internacional sobre Obesidade (ICO 2024), que se realiza em São Paulo. Pelas projeções, aproximadamente 83 milhões de pessoas serão obesas e em torno de 47 milhões terão sobrepeso.

Segundo os pesquisadores, houve uma aceleração preocupante da obesidade no Brasil entre 2006 e 2019. Essa população praticamente dobrou e, hoje, atinge 20,3% dos adultos. As projeções para 2030 são preocupantes: estima-se que em torno de 68% da população terá excesso de peso, sendo que 29,6% obesos e 38,5% terão sobrepeso.

As causas desse cenário é atribuída à redução do consumo de frutas, verduras e legumes, especialmente entre os jovens. Esses alimentos estão sendo substituídos por opções pouco ou nada nutritivas, como refrigerantes, sucos artificiais e produtos ultraprocessados, todos altamente calóricos. Para piorar esse quadro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) salienta que a falta de atividade física e o comprometimento do sono contribuem para o aumento do peso corporal e o surgimento de doenças relacionadas à obesidade.

Comorbidades

Além das implicações para a saúde individual, o excesso de peso também acelera comorbidades, caso a pessoa tenha tendência a desenvolvê-la. Doenças cardiovasculares e renais crônicas, além de cânceres e diabetes, estão entre as principais condições relacionadas à obesidade. Pela pesquisa da Fiocruz, projeta-se que haverá 10,9 milhões de novos casos de doenças crônicas

Andres Ayrton/Pexels



Um dos gatilhos da obesidade é a má alimentação. Segundo a pesquisa, há uma severa diminuição no consumo de frutas, verduras e legumes

e 1,32 milhão de mortes associadas ao sobrepeso e à obesidade até 2044.

“A obesidade afeta a saúde, de modo global, ao gerar inflamação que a nível cerebral aumenta a demência, a respiração com apneia do sono e asma. Também facilita o aparecimento de males do aparelho digestivo, como refluxo e aumento de neoplasias que facilitam a alteração de colesterol, que levam a infarto, AVCs e o aumento de trombos”, alerta a endocrinologista Michele Borba.

A nutricionista Júlia Paulino explica que há vários fatores para a obesidade e que a genética está

Na mira do “imposto do pecado”

Os alimentos ultraprocessados e os refrigerantes estarão na lista do Imposto Seletivo Federal (ISF), o chamado “imposto do pecado”. Previsto na reforma tributária proposta pelo governo federal, que tramita no Congresso, aumentará o preço desses produtos por serem considerados ao mesmo tempo supérfluos e insalubres. Também serão alcançados pelo ISF cigarros e bebidas alcoólicas, além de veículos poluentes. A taxação incidirá, ainda, sobre a extração de minério de ferro, de petróleo e de gás natural.

entre eles, mas isso não define o problema do paciente. “Atualmente, há uma grande oferta de alimentos que são ricos em calorias e pouquíssimo pobres em

nutrientes. A pessoa pode pensar que come pouco, mas, ainda assim, engorda porque esses alimentos são muito densos em calorias. Então, para dar

o sentimento de saciedade, elas comem bastante desse baixo volume, porém calórico”, observa. Ela lembra que esse tipo de alimentos é atraente e prazeroso.

A influenciadora digital e maquiadora Isabella Meireles, de 31 anos, convive com a obesidade há muito tempo. Desde os cinco anos de idade frequenta nutricionistas e admite que sempre foi difícil resistir aos alimentos ricos em calorias.

“Sempre foi um desafio para mim ter de ir ao nutricionista nessa idade e ter uma alimentação regrada na escola vendo os coleguinhas comerem várias coisas que você não pode”, observa.

BARRAGENS

Lula acusa Vale de “enrolar” indenizações

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que está “predisposto” a negociar com a mineradora Vale a “dívida com o povo”. Ele também acusou a empresa de estar “enrolando” a população de Mariana e de Brumadinho, cidades mineiras à espera de reparações por desastres em barragens ocorridos em 2015 e 2019.

“A Vale, vamos ser francos, está enrolando o povo de Mariana e de Brumadinho faz sete anos. Estou predisposto a negociar a dívida da Vale com o povo da região que foi solapada pelas barragens. Aquele povo tem de receber as casas, tem de receber indenização. O rio tem de ser recuperado”, afirmou, ontem, em entrevista a uma rádio de Minas Gerais.

Segundo o presidente, a Vale tem dinheiro aplicado, mas mesmo assim, não paga as indenizações que deve. “Vamos fazer acordo para que a Vale pague essa dívida e a gente zere os nossos problemas em Minas”, garantiu.

Lula disse ainda que cobrou do ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, o acordo com a empresa a respeito das tragédias de Mariana, em 5 de novembro de 2015, e de Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019. Segundo o presidente, Silveira assegurou-lhe que o acordo com a mineradora está “90% resolvido”. Adiantou, ainda, que em até 15 dias apresentará a proposta para, então, o martelo ser batido.

Em 6 de junho, a Advocacia-Geral da União (AGU) apresentou uma contraproposta para que a Vale, a BHP e a Samarco compensem os danos do rompimento da barragem do Fundão, em Mariana (MG). O valor solicitado é de R\$ 109 bilhões, acima dos R\$ 72 bilhões propostos pela Vale em março deste ano.

A mineradora, porém, não deu qualquer indicação de que vá aceitar o que foi proposto pela AGU ou de que buscará algum entendimento — como proposto por Lula. Por meio de nota, disse que “a Vale, como uma das acionistas da Samarco, segue engajada no processo de mediação conduzido pelo Tribunal Regional Federal da 6ª Região (TRF-6) e busca, junto às autoridades envolvidas, estabelecer um acordo que garanta a reparação justa e integral, tendo como prioridades o meio ambiente e as pessoas atingidas, representadas nas negociações por diversas instituições de Justiça, como as Defensorias e os Ministérios Públicos. A Vale reafirma seu compromisso com as ações de reparação e compensação relacionadas ao rompimento da barragem de Fundão, da Samarco”.

Ricardo Stuckert/PR



Presidente criticou a Vale e buscará acordo para dívida

TRAGÉDIA NO SUL

Dois meses após o desastre, o drama para retomar a vida

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

Bruno Peres/Agência Brasil



Eldorado do Sul foi um dos municípios mais atingidos pela subida do nível do Jacuí. Famílias perderam tudo

Ao completar dois meses da tragédia que devastou boa parte do Rio Grande do Sul, os gaúchos lutam para reconstruir a vida sob a permanente preocupação de que as chuvas intensas possam voltar — e com elas as enchentes, que devastaram patrimônios construídos com anos de trabalho.

O dia 3 de maio ficará para sempre marcado na memória da família de Francisco Paillo, de 66 anos. A inundação antes recuava e não atingia a casa da família, em Eldorado do Sul. Mas, dessa vez foi diferente: invadiu e destruiu todos os pertences dele e da mulher, Janete Willers, de 58 anos.

“Começamos a erguer as coisas, mas quando deu meio-dia, a água já estava pegando na cintura. A correnteza estava forte e se você não fosse forte o bastante, te levava rio abaixo”, relata, salientando que a força do Rio Jacuí estava incontrolável.

Segundo Francisco, que é servidor da Companhia Riograndense de Saneamento, o pior momento foi quando toda sua família foi realocada em um abrigo onde diziam ter água limpa, banheiros, luz e colchões. Mas, ao chegarem, tratava-se de um galpão de uma empresa sem assistência alguma.

“Quebraram um portão de uma empresa para fazerem de abrigo. Era cada um por si. Não tinha água nem luz. Minha mulher estava com minha netinha de três anos no colo. Ela dormindo na inocência dela e minha mulher chorando”, lembra, emocionado.

Além de estar fora de casa e

recolhido a um local sem estrutura para abrigá-lo e à família, Francisco tinha outra preocupação: o medo de a casa ser invadida e saqueada. “A informação que a gente recebia era de que tinha um pessoal que, quando encontrava a casa sem ninguém, arrombava as portas e roubava tudo”, afirma.

Tensão permanente

A luta para manter a população informada e segura foi a parte crítica da inundação, segundo a secretária de Segurança Pública de Pelotas, Cíntia Aires. O município demorou para ser atingido

pelas águas devido ao relevo. Mas a tensão era permanente.

“A massa de ar diminuía o volume das águas em Pelotas, mas as levava para a outra margem da Lagoa dos Patos. A população tinha o entendimento de que poderia voltar às suas casas quando a água baixasse. A gente continuava alertando a não retornar porque o vento mudaria e a água voltaria com mais força. Foi o período mais crítico”, explica Cíntia.

Além dos prejuízos materiais, a psicóloga Fernanda Bassani chama a atenção para os efeitos psicológicos de um

trauma dessa magnitude. “Pesquisa da UFRGS com as pessoas que passaram pelas chuvas constatou que aumentaram os transtornos de depressão e ansiedade”, observa, salientando que o trauma atinge, também, a saúde mental dos servidores que atuaram nas operações de salvamento nas enchentes.

“É importante dar atenção para a saúde mental desses profissionais, porque certamente foram também prejudicados”, recomenda. (Com Pedro José*)

*Estagiários sob a supervisão de Fabio Grecchi



Quebraram um portão de uma empresa para fazerem de abrigo. Era cada um por si. Minha mulher estava com a netinha de três anos no colo. Ela dormindo na inocência dela e minha mulher chorando”

Francisco Paillo, servidor e morador de Eldorado do Sul, inundada pela alta do Jacuí



A população tinha o entendimento de que poderia voltar às suas casas quando a água baixasse. A gente continuava alertando a não retornar porque o vento mudaria e a água voltaria com mais força”

Cíntia Aires, secretária de Segurança Pública de Pelotas